

Eleições 2022

Debate TV Globo



Bolsonaro, Padre Kelmon, Felpe d'Avila, Soraya Thronicke, Lula, Simone Tebet e Ciro Gomes antes de debate na TV Globo: encontro foi marcado por discussões

Candidatos ignoram propostas e priorizam troca de ofensas

— Lula e Bolsonaro se insultam e deixam de lado as ideias para o País; coadjuvantes também se atacam

RAYANDERSON GUERRA
RIO

Os candidatos à Presidência da República deixaram em segundo plano as propostas de governo e deram mais atenção às ofensas mútuas e aos embates agressivos no último debate antes da votação em primeiro turno. O encontro promovido pela TV Globo, que avançou pela madrugada de hoje e reuniu sete postulantes, foi uma oportunidade para embates diretos entre os dois candidatos que lideram a disputa pelo Planalto.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presi-

dente Jair Bolsonaro (PL) estiveram frente a frente no primeiro bloco do debate e reproduziram o clima mais acirrado da disputa presidencial.

Também participaram do evento Ciro Gomes (PDT), Felipe d'Avila (Novo), Simone Tebet (MDB), Soraya Thronicke (União Brasil) e Padre Kelmon (PTB). Conforme pesquisa Datafolha divulgada ontem, Lula lidera a disputa ao Palácio do Planalto com 50% dos votos válidos. Bolsonaro tem 36%.

Entre acusações e direitos de resposta concedidos pela organização do debate, os rivais se acusaram da prática de corrupção. "Nós não podemos con-

tinuar no país da roubalheira", afirmou Bolsonaro, que repetiu uma dobradinha com Padre Kelmon e em referência aos governos do PT. O chefe do Executivo federal disse que Lula montou uma "quadrilha" quando governou e que o País vivia uma "cleptocracia".

No primeiro direito de resposta, o petista pediu "o mínimo de honestidade e de seriedade" do candidato à reeleição e citou acusações de prática de rachadinha pela família Bolsonaro, os sigilos de cem anos decretados pelo presidente para documentos do governo e o "gabinete paralelo" no Ministério da Educação, como a propina em

ouro cobrada por pastores – caso revelado pelo **Estadão**.

"Mentiroso, ex-presidiário, traidor da Pátria. Que rachadinha? Rachadinha é os teus filhos roubando milhões", respondeu Bolsonaro. "Tome vergonha na cara, Lula", emendou o presidente. Em novo direito de resposta, o petista disse que faria um decreto para acabar com os sigilos de cem anos decretados por Bolsonaro. "Não minta que é feio o presidente da República mentir", criticou o petista.

A troca de agressões entre os dois candidatos que, segundo as pesquisas, disputam na prática a eleição, simbolizou um encontro eleitoral marcado também pela indisciplina dos postulantes. Por diversas vezes, o mediador, William Bonner, precisou repreender os candidatos – principalmente Padre Kelmon – para que respeitassem as regras.

REFORMA. Embora coadjuvante no encontro eleitoral, propostas para o País foram pinceladas em determinados momentos. Soraya Thronicke e Ciro, por exemplo, discutiram ideias para uma reforma fiscal, caso vençam as eleições. Soraya afirmou que sua proposta é substituir os impostos exis-

tentes por um único imposto sobre operações financeiras. "Também vamos desonerar a folha de pagamento e promover um programa de refinanciamento de dívida ativa. Esse pacote econômico que propomos é a maior questão do Brasil", relatou Thronicke.

Ciro Gomes concordou com a candidata sobre a necessidade de uma reforma fiscal e apresentou que, em seu governo, também pretende renegociar as dívidas das famílias e promover um massivo programa de emprego, retomando 14 milhões de obras paradas.

Silêncio

Mais de uma vez, William Bonner teve de pedir à produção para cortar o microfone dos candidatos

Nome da chamada terceira via Simone Tebet (MDB) procurou manter uma postura de independência, mas concentrou suas críticas à gestão do atual governo no meio ambiente e afirmou que Jair Bolsonaro "foi o pior presidente da história do Brasil nesse aspecto", ao falar sobre as queimadas no Pantanal e na Amazônia durante o atual governo. Em res-



PEDRO KIRILOV / ESTADÃO

“Ele (Bolsonaro) falar que eu montei quadrilha, com a quadrilha da rachadinha dele, com a rachadinha da família. Ele precisava se olhar no espelho.”

Lula
Candidato do PT

“Mentiroso, ex-presidiário, traidor da Pátria. Que rachadinha? Rachadinha é os seus filhos roubando.”

Jair Bolsonaro
Candidato do PL

“Bolsonaro teve 70% dos votos nos centros mais dinâmicos. Não foi pela obra, nem pela proposta, porque não tinha nenhuma. Foi pela dor do povo brasileiro.”

Ciro Gomes
Candidato do PDT

“Eu acho que falta ao senhor (Bolsonaro) coragem de perguntar isso ao candidato do PT, que, segundo o senhor, é envolvido (na morte de Celso Daniel).”

Simone Tebet
Candidata do MDB

“Bem se vê que, depois do auxílio emergencial, você (Padre Kelmon) arrumou emprego de cabo eleitoral (de Bolsonaro).”

Soraya Thronicke
Candidata do União Brasil

“Outra coisa que me deixa triste são os aliados, onde você (Bolsonaro) incluiu mensaleiros. É difícil governar, mas não podemos ceder.”

Felipe d’Avila
Candidato do Novo

“O senhor (Lula) é um condenado, nem deveria estar aqui, mas o senhor é cínico e mente o tempo todo. É fundador do Foro de São Paulo.”

Padre Kelmon
Candidato do PTB

post, Bolsonaro disse que as queimadas ocorreram por conta das secas nos últimos anos. Simone Tebet disse, na sequência, que Bolsonaro “mente tanto que acredita na própria mentira”, e voltou a defender medidas de preservação do meio ambiente.

ORÇAMENTO SECRETO. Em outro momento, Bolsonaro tentou fazer uma dobradinha com Felipe d’Avila, mas o candidato do Novo citou o orçamento secreto, esquema pelo qual o governo destina emendas parlamentares sem critérios e transparência, para garantir apoio de parlamentares no Congresso.

O presidente afirmou que colocou um ponto final no “toma lá, dá cá” ao assumir o governo, sem mencionar sua aliança com o Centrão. Disse que colocou quadros técnicos nos ministérios e perguntou a d’Avila se esse estilo de governar deveria continuar. O candidato do Novo, então, disse que o orçamento secreto está “acabando” com a política e “corroendo” a credibilidade do Congresso e da própria democracia.

“O orçamento secreto não é meu, eu vetei”, respondeu Bolsonaro. “Não existe da minha

parte nenhuma convivência com esse Orçamento”, emendou. O presidente, contudo, voltou atrás no veto e acabou sancionando o esquema das emendas de relator para este ano. No enfrentamento, d’Avila também disse que nos últimos anos houve irresponsabilidade fiscal e descumprimento do teto de gastos.

CORRUPÇÃO. O tema corrupção também confrontou, no terceiro bloco do debate, Ciro e Bolsonaro – que vinham se poupando de ataques. O pedetista disse que a atual gestão tem tantos casos de corrupção como os governos petistas. O presidente voltou a repetir que não existem casos de delitos durante sua passagem pela Presidência. “Me aponte uma fonte de corrupção, não tem”, afirmou. “Não ataque dessa maneira que o senhor deslustra a sua presença nesse programa”, concluiu o candidato à reeleição, após o pedetista listar acusações contra o presidente.

O debate, que se iniciou às 22h30 de ontem, não havia terminado até a conclusão desta edição. ● COLABORARAM IANDER PORCELA, MATHEUS DE SOUZA, GIORDANNA NEVES, EDUARDO GAYER, JOÃO SCHELLER, LAIS ADRIANA E JESSICA BRASIL SKROCH

NA WEB
Ao vivo acompanhe as notícias da reta final até o primeiro turno
www.estadao.com.br

Direitos de resposta ilustram rejeição de Lula e Bolsonaro

ANÁLISE

RAFAEL CORTEZ

A campanha presidencial começou com o debate sobre as possíveis chances de crescimento da terceira via, e se encerra com incerteza sobre seu final: se no primeiro ou no segundo turno. O agregador de pesquisas do Estadão mostra 52% de votos válidos para Lula. Grosso modo e, assumindo alguma simplificação, o debate da Globo só terá importância afetar se contribuir para esse gerar movimento relevante às vésperas da eleição.

O petista tem basicamente duas tarefas para conseguir a vitória em primeiro turno: convencer indecisos e cansados da polarização e, especialmente, convencer ao comparecimento eleitoral. O presidente Bolsonaro, por sua vez, tem duas opções: convencer o eleitorado do seu desempenho no governo ou aumentar a rejeição do petista, contribuindo para evitar voto útil. Os demais nomes lutam para justificar a relevância dos projetos em uma eleição que deve figurar na História como recorde

de polarização.

O debate foi um fiel retrato da campanha: Lula e Bolsonaro dominaram o início do debate. A sequência de direitos de respostas pareceu ilustrar o duelo de rejeições. As alianças tácitas estiveram presentes, com alguma inflexão ideológica. Ciro seguiu na estratégia da ligação umbilical entre Lula e Bolsonaro, com foco na polarização com o petista. As pesquisas, por sua vez, mostram que é o petista a segunda opção da maioria dos seus apoiadores. Há risco de perder a terceira colocação para a Simone. Por outro lado, Simone teve trocas suaves com o petista. Bolsonaro teceu críticas a suas críticas a Lula por meio dos demais candidatos, que pareceram não ouvir os apelos dos seus apoiadores. Ciro segue se distanciando da esquerda, ao passo que Simone teve trocas generosas com o petista.

O debate pouco contribuiu para o presidente reverter a imagem negativa que a maioria do eleitorado faz do seu governo. Assim, o destino da eleição deve passar fundamentalmente pela taxa de comparecimento eleitoral. ●

DOUTOR EM CIÊNCIA POLÍTICA (USP) E SÓCIO DA TENDÊNCIAS CONSULTORIA

Padre Kelmon

‘Candidato laranja’ e ‘cabo eleitoral’, Padre Kelmon’ tumultua

Linha auxiliar do presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição pelo PL, Padre Kelmon (PTB) tumultuou ontem o último debate antes do primeiro turno. O postulante ao Palácio do Planalto bateu boca com o petista Luiz Inácio Lula da Silva e foi repreendido pelo jornalista William Bonner, da TV Globo.

“Peço desculpas ao público”, disse o apresentador após o candidato interromper Lula reiteradas vezes. Bonner advertiu que Kelmon desrespeitou acordo referendado pelas assessorias das campanhas e criou suas próprias regras para o debate.

Cabeça da chapa petebista após a Justiça negar a candidatura de Roberto Jefferson – aliado de Bolsonaro que foi proibido de concorrer e está preso –, Kelmon discutiu corrupção com Lula.

“O senhor é um ‘desconhecido’, nem deveria estar aqui como presidente da República, mas o senhor é cínico e mente o tempo todo. É fundador do Foro de São Paulo junto com Fidel Castro”, disse Kelmon a Lula. Na alteração, o petista o chamou de “candidato laranja” e disse que ele vestia uma fantasia, em alusão à batina.

Kelmon levou ao debate críticas à esquerda e evocou pautas de costume, caras ao bolsonarismo. “As universidades públicas viraram fábricas de militantes a serviço do PT”, afirmou ao debater educação com Ciro Gomes (PDT).

Após defender Bolsonaro, Soraya Thronicke (União Brasil), que chegou a chamar o petebista de “Padre Kelmon” e “Padre Kelvin”, afirmou que o candidato é um “cabo eleitoral” do presidente. O Padre rebateu: “E você é cabo de Lula”. Com a candidata, tentou discutir economia: “Ela está querendo cobrar mais impostos. Você não aguenta mais ser cobrado”, disse ao se referir à proposta do imposto único. ● JESSICA BRASIL SKROCH

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 6 e 7